Jó e suas filhas

Hans-Jörg Ronsdorf · abril de 2021 · revisado em outubro de 2026

Foi por meio de uma série de palestras sobre o livro de Jó que minha atenção se voltou para as filhas de Jó. Elas são apenas um pequeno detalhe num livro fascinante da Antiguidade. Ele está entre as obras literárias mais impressionantes da história. Não é fácil de ler, e é bem longo para um livro da Bíblia. Quem consegue lê-lo de uma só vez vive um tsunami para a cabeça, o coração e o espírito. Afinal, trata-se da pergunta: por que Jó, justo e íntegro, e sua família têm de passar por tamanho sofrimento e destino injustos? Essa é a grande pergunta, até hoje, e o livro de Jó é uma contribuição útil para essa pergunta, na forma de literatura de sabedoria. Uma resposta definitiva nem mesmo Jó dá. A resposta não é, como Jó e seus amigos tentam argumentar, uma teologia da retribuição, que simplesmente constata: o justo é abençoado, o injusto é castigado. Esse princípio não é a resposta para o sofrimento no mundo.

Mas esse não é o meu tema. Trata-se, como eu disse, de um pequeno detalhe, um "subproduto", que tem a ver com o tema do papel da mulher na Bíblia. Até agora, tanto no meu livro quanto nos trabalhos seguintes, não considerei mulheres do AT. No AT há mulheres que foram profetas, reis, juízes e líderes (por exemplo, Miriã, Débora e Hulda como profetisas, Débora como juíza, Ester como rainha). Não como normalidade, mas como exceções. Concluir daí, porém, que esse seja um modelo de papéis desejado por Deus exigiria que o AT fornecesse a justificativa de que os homens devem liderar e as mulheres seguir. O próprio relato da criação não serve para isso. Pelo contrário, o desequilíbrio hierárquico entre homem e mulher é consequência da Queda e tornou-se parte marcante das sociedades de todos os tempos, em formas diferentes. ***A hierarquia não aparece antes, mas só depois da Queda.***

Quando viveram Jó e sua grande família?

A tradição judaica situa Jó na época de Abraão (e de Melquisedeque). Naturalmente há outras teorias sobre quando essa história se passou, mas faz sentido pensar nessa época e comparar a vida, os desafios e as tentações de Abraão e Jó.

Portanto, esses dois homens vivem antes da entrega da Lei, antes de um culto sacrificial regulamentado. Um se torna o pai de uma nação e, além disso, o pai terreno de todos os crentes. Jó, da terra de Uz, não é hebreu, não é israelita. E, no entanto, conhecia o Deus vivo. Como, ou com base em que revelação, ele o conhecia, não sabemos. Nos últimos capítulos do livro, Deus falou diretamente a Jó. E Jó chegou a dizer: "Mas agora os meus olhos te veem" (Jó 42:5). Essa foi a sua cura interior. Supõe-se que Jó vivesse na Jordânia, numa região mista de assentamentos fixos e deserto.

A história de Jó é conhecida. Satanás tem a sua visão de como funciona a fé em Deus: é um negócio, ou até mesmo um jogo sujo. Sem recompensa não há lealdade para com Deus. Cabe a Jó, um dos homens mais ricos do Oriente Próximo, tornar-se um caso exemplar de que Satanás se engana. Talvez não com todos os que creem em Deus, mas com Jó. O preço dessa demonstração é alto. Mas o seu final cura as feridas de Jó. Um final que na vida real é bastante raro. Muitos que sofrem não experimentam, nesta vida e neste sofrimento, uma libertação como a de Jó.

No último capítulo, Jó recebe tudo em dobro. O que Satanás lhe roubou, ele recebe de volta em dobro. Ele perdeu 10 filhos; 10 filhos ele recebe depois que o seu sofrimento termina:

Jó 42:13 Também teve sete filhos e três filhas.

14 À primeira deu o nome de Jemima, Rolinha; à segunda, Quézia, Flor de canela; e à terceira, Quéren-Hapuque, Estojinho de pintura.

15 Em toda a terra não se achavam mulheres tão belas como as filhas de Jó. Seu pai lhes deu herança entre os seus irmãos.

Esse destaque especial, e até mesmo único no AT, das três filhas demonstra a reviravolta do destino de Jó. Tão especial e extraordinário quanto esse destaque das filhas é a virada única no destino de Jó.

O que há de estranho nisso?

Bem, que nessa época do patriarcado, numa época em que as mulheres eram propriedade e posse como bens ou coisas, duas coisas chamam a atenção:

1. ***Só as três filhas são mencionadas pelo nome, e não os filhos.***
2. ***As filhas herdam do mesmo modo que os seus irmãos.***

É o próprio Jó quem dá os nomes e lhes atribui a herança, sem dar preferência aos irmãos. Nisso se reconhece um grande apreço de Jó, o pai, por suas filhas, e isso contra a tendência de sua época e de sua cultura. É apenas uma suposição, entendida não como prova, mas antes como indício: será que os sofrimentos mudaram a visão de Jó sobre as mulheres?

Ele era, como Abraão e como nós, filho do seu tempo. Ele e nós somos marcados pela sociedade em que vivemos. A imagem da mulher naquela época (como também hoje) correspondia à palavra de castigo dirigida a Eva em Gênesis 3:16: “o teu desejo será para ele (o teu marido), e ele te governará”. Sempre disse que essa relação do marido com a esposa e vice-versa não foi negativa em toda a sua expressão possível, medida pelo modo como Deus a havia imaginado. Houve exceções positivas, que, no entanto, confirmavam a regra. O patriarcado não é uma imagem da paternidade de Deus sobre a sua família, mas uma estrutura social mundana de família e de clã, em diferentes configurações, em todos os continentes, chegando até o mundo evangélico conservador.

Em todo caso, Jó vê algo especial não nos filhos, mas nas filhas.

As lições mais importantes da vida não as aprendemos por meio do que é bom e agradável, mas por meio do sofrimento. Elas nos transformam. Mas não há certeza de que eles (os sofrimentos) sempre nos atraiam para Deus. Experimentar o bem ou o mal pode nos atrair para Deus, mas também nos afastar dele, se a nossa reação for ira e decepção. Jó sai dos sofrimentos de certa forma purificado. Está em paz com Deus, assim como com o seu próximo, começando pela sua esposa.

A visão atual de muitos cristãos conservadores sobre a questão dos gêneros é a submissão hierárquica da mulher, bem como a proibição de falar, ensinar e liderar no culto. E a esfera doméstica é tida como o seu campo bíblico de atuação. Essa visão está tão firmemente enraizada entre os pastores e presbíteros ou líderes de igrejas de hoje que algo especial precisa acontecer para que se abandone essa visão mundana e se adote a perspectiva do Criador e Redentor. Não, não quero dizer que para isso seja necessária uma história de Jó individual, mas apenas que, para uma mudança de mentalidade, não basta simplesmente trocar uma fórmula. Vai muito mais fundo, e é preciso coragem para repensar, para defender isso e para agir de acordo.

Aliás, não se trata de os homens não terem permissão para achar as mulheres bonitas. As três filhas eram, afinal, belezas marcantes, quase como três anjos para Jó. Essa beleza os homens querem possuir. Eles desejam essa beleza, e isso lhes é permitido. Mas não como uma propriedade de livre disposição, e sim para protegê-la, desfrutá-la e permanecer fiéis a ela. Assim como o próprio Jó viveu (Jó 31:1).

Os nomes

Os nomes das três filhas são incomuns aos nossos ouvidos, mas, como tantas vezes no AT, cheios de significado. Benedikt Peters os explica assim em seu comentário a Jó:

"Versículo 14. "***E chamou a primeira ...***": Só ficamos sabendo os nomes das filhas de Jó. A primeira se chamava ***Jemima***, jəmîmâh, de jôm, "dia", portanto algo como "***a clara como o dia***". Isso corresponde mais ou menos ao nome feminino grego Helena, "a que brilha com clareza". Depois da noite do sofrimento, despontou agora para Jó um dia claro de prosperidade. O nome pode também significar "pomba", segundo uma raiz verbal árabe.

A segunda se chamava ***Quézia***, qəṣîʿâh, que é a especiaria aromática cássia (Êxodo 30:24; Salmos 45:8). Quéren-Hapuque, qæræn happûk, é o chifre em que se guardava o estíbio, a pintura negra dos olhos das mulheres."[1]

"Três nomes que apontam para a sua prosperidade restaurada (Gênesis 4:25; 5:29).

Jemima – "luz do dia", depois da sua "noite" de miséria; mas MAURER, "uma pomba".

Quézia – "cássia", uma erva aromática (Salmos 45:8), em lugar do seu hálito repugnante (19:17) e das suas úlceras.

Quéren-Hapuque – "chifre de estíbio", uma tinta com que as mulheres pintavam as pálpebras; em contraste com o seu "chifre manchado no pó" (ou: meu orgulho e minha honra jazem na lama, Neues Leben – tradução alemã da Bíblia) (Jó 16:15).

Os nomes apontam também para a beleza de suas filhas."[2]

Uma herança

"Versículo 15. 'a herança entre ... irmãos' – um favor incomum no Oriente para filhas, que, segundo a lei judaica, só herdavam quando não havia filhos homens (Números 27:8), uma prova de prosperidade e de concórdia."[3]

"E seu pai lhes deu a herança no meio de seus irmãos. Esse ato de Jó, que contraria estritamente as prescrições da lei mosaica (Números 27:8), mas que encontra o seu paralelo mais em certos costumes familiares dos árabes do que em práticas especificamente hebraicas, devia possibilitar às filhas continuar a viver entre os seus irmãos mesmo depois do casamento; ***por isso ele é mencionado como sinal da concórdia fraterna entre irmãos e irmãs que reinava entre esses filhos posteriores de Jó, assim como entre os anteriores (cf. cap. 1:4).***"[4]

Em seu comentário a Jó, Benedikt Peters escreve com acerto: "Quando Deus nos chama pelo nome ou nos dá um nome, mostra o que significamos para ele. A restauração de Jó é certamente um penhor da restauração de todas as coisas no fim dos tempos. Então também as mulheres serão finalmente eleva-

das à sua posição, e finalmente lhes será dada a honra que lhes foi negada ao longo dos milênios da história humana, honra que os homens, no entanto, lhes devem dar: «***Vós, maridos, igualmente, habitai com elas com entendimento, como com um vaso mais fraco, o feminino, e dai-lhes honra, visto que também elas são co-herdeiras da graça da vida, para que as vossas orações não sejam impedidas***» (1 Pedro 3:7). Os homens devem dar às suas mulheres a honra que lhes cabe como herdeiras, pois "***seu pai***" lhes deu "***herança no meio de seus irmãos***" (cf. Números 27:7)."[5]

Pedro, em sua época dominada pelos homens, considera necessário chamar a atenção até mesmo dos homens crentes para o fato de que agora as mulheres herdam do mesmo modo. Na lei mosaica, isso só acontecia quando não havia irmãos.

Mas em Cristo não há homem nem mulher (Gálatas 3:28). E assim seria uma bênção se também Benedikt Peters não elevasse as mulheres apenas em parte à posição que, segundo a sua opinião, lhes cabe, mas fizesse o caminho inteiro. Impor-lhes uma submissão unilateral, proibi-las de falar (orar, pregar, ensinar) e de liderar são justamente sinais do mundo caído, e não da nova criação, que não está apenas por vir, mas que já começou com a igreja como o novo homem (Efésios 2:15).

Isso quanto às filhas de Jó, que se destacam da multidão como um farol e que já na Antiguidade eram uma indicação de quão valiosas, e iguais aos seus irmãos, as mulheres deveriam ser. Se já naquela época, quanto mais hoje.

Notas

1. Benedikt Peters, Kommentar zum Buch Hiob (em alemão), Bielefeld: CLV 2020, p. 412.
2. Jamieson, R. / Fausset, A. R. / Brown, D., Commentary Critical and Explanatory on the Whole Bible, I, Logos Research Systems, Inc., Oak Harbor, WA 1997, 344.
3. Jamieson, R. / Fausset, A. R. / Brown, D., Commentary Critical and Explanatory on the Whole Bible, I, Logos Research Systems, Inc., Oak Harbor, WA 1997, 344.
4. Lange, J. P. / Schaff, P. / Lewis, T. / Zöckler, O. / Evans, L. J., A Commentary on the Holy Scriptures: Job, Logos Bible Software, Bellingham, WA 2008, 631.
5. Peters, Kommentar zum Buch Hiob, p. 412.